
Jean-Jacques Rousseau: Crítica aos Espetáculos do Século XVIII

*Jean-Jacques Rousseau:
Critical to the Show of Eighteenth Century*

Edson Antonio Ortiz de Camargo ^{a, b}

Recebido em: 01/05/2017. Aprovado em: 30/05/2017. Disponibilizado em: 30/06/2017

a. Faculdades Integradas Campos Salles - FICS.

b. Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo.

Resumo

Este artigo tem o objetivo de discutir as críticas em relação aos espetáculos do século XVIII, apresentando os pontos de vista de dois filósofos: Rousseau e D'Alembert. O progresso na ciência e nas artes, a relação dos costumes e a influência dos espetáculos. O homem é um ser histórico, assim, ler pensamentos do século XVIII é uma viagem que nos remete a esse tempo com a compreensão de que o passado ajuda na constituição de quem somos hoje.

Palavras-chave: Espetáculos, Costumes, Refinamento, Civilização.

Abstract

This article aims to discuss critiques of eighteenth - century spectacles, presenting the views of two philosophers: Rousseau and D'Alembert. The progress in science and the arts, the relation of customs and the influence of spectacles. Man is a historical being, so reading thoughts of the eighteenth century is a journey that brings us back to this time with the understanding that the past helps in the constitution of who we are today.

Keywords: Spectacles, Customs, Refinement, Civilization.

1 Introdução

O presente texto tem como finalidade apresentar a querela envolvendo dois filósofos europeus do século XVIII a respeito da eficácia dos espetáculos, principalmente o teatro para o refinamento dos costumes dos povos.

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, Suíça em 28 de junho de 1712 e morreu em Ermenonville, na França em 2 de Julho de 1778. Foi um grande filósofo, teórico, político, escritor e compositor autodidata. É um dos principais filósofos do iluminismo, apesar de suas divergências com certos filósofos, e considerado um precursor do romantismo.

Jean Le Rond d'Alembert nasceu em Paris, França em 1717 e morreu em Paris em 29 de outubro de 1783. Formou-se em direito em 1738 e no mesmo ano iniciou seus estudos de medicina. Renunciou logo depois ao direito e à medicina, voltando sua atenção à matemática. Editor, ao lado de Diderot, da Enciclopédia ou Dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios, publicada em 1751, elaborou praticamente toda a parte de matemática da Enciclopédia. O rigor científico e a clareza com que expôs os conceitos fazem com que os seus verbetes sejam lidos até os dias de hoje.

Rousseau estende sua crítica realizada em relação às ciências e as artes, desenvolvida em seu primeiro trabalho, ao teatro francês de sua época. Segundo Mora (2004) Rousseau desde cedo se mostrou rebelde em relação aos iluministas e em seu Discurso sobre as Ciências e as artes, que obteve o primeiro lugar na disputa aberta pela Academia de Dijon sobre o tema da influência da renovação das artes e das ciências sobre o desenvolvimento e elevação dos costumes. Nesta obra já se percebe a posição do autor em relação ao otimismo iluminista que atribuía à cultura um poder iluminador. Para Rousseau, as artes e as ciências, ao contrário, não só não melhoraram os costumes como também os corrompeu.

Para Mora (2006), Rousseau apresenta o homem civilizado como produto das sucessivas impurezas que aderiram ao homem natural. O homem natural revela de modo mais claro a bondade original do sentimento e a relação direta com a Natureza. Evidente que não se trata, da volta ao homem natural como a regressão a um suposto estado primitivo, mas este estado natural constitui o ponto de referência para qual se volta toda consideração de tipo moral e social.

Partindo desse ponto de vista Rousseau se sente obrigado a responder à D'Alembert que lastima o fato da cidade de Genebra proibir os espetáculos teatrais, principalmente a comédia.

2 O Verbetes Genebra

Jean de Le Rond D'Alembert filósofo iluminista que em 1757 publica no livro VII da Enciclopédia, o verbete "Genebra" na qual faz alusão à cidade. O autor partilha da

crença iluminista de que o progresso nas ciências e nas artes aprimora os costumes e a vida dos seres humanos, por isso é que faz a crítica a cidade de Genebra por não possuir espetáculos, principalmente o teatro, o que segundo ele a afasta da alta cultura européia. Para realizar a análise do verbete em questão, usaremos como referência parte do texto de D'Alembert citada por Rousseau no prefácio da sua referida carta.

Segundo D'Alembert (D'ALEMBERT apud. ROUSSEAU, 1993), a principal preocupação dos genebrinos se deve ao temor da degeneração dos costumes pela atuação desmedida dos comediantes que frequentemente deságuam na libertinagem.

Não se toleram comédias em Genebra; não que se desaprovem em si mesmos; mas teme-se, dizem, o gosto pelos enfeites, pela dissipação e pela libertinagem que as companhias de comediantes espalham pela juventude. No entanto, não seria possível remediar esses inconvenientes com leis severas e bem executadas sobre a conduta dos comediantes? Com isso, Genebra teria espetáculos e bons costumes e, gozaria das vantagens de ambos; as representações educariam o gosto dos cidadãos e lhes daria uma finura de tato, uma delicadeza de sentimentos muito difíceis sem esse auxílio {...} (D'ALEMBERT apud. ROUSSEAU, 1993, p. 27).

O enciclopedista procura resolver este empecilho quando argumenta que o temor da degeneração dos costumes poderia ser afastado, caso o estabelecimento dos espetáculos, fosse regulamentada por leis que coibissem os excessos dos comediantes e dessa forma, Genebra teria enfim os costumes de seus cidadãos refinados. Portanto as autoridades da República deveriam permitir os espetáculos.

Argumenta D'Alembert que a excelência de refinamento e civilização não seria alcançada sem o estabelecimento dos espetáculos. Em relação aos comediantes se torna necessário combater o preconceito que paira sobre suas cabeças. Afinal se os espetáculos educam os gostos e refinam os costumes dos cidadãos então é preciso afastar qualquer discriminação em relação aos mesmos.

O preconceito bárbaro contra a profissão de comediante, a espécie de aviltamento a que rebaixamos esses homens tão necessários ao progresso e ao manutenção das artes, é certamente uma das principais causas que contribuem para o desregramento que neles reprovamos; eles procuram nos prazeres uma compensação para a estima que sua condição não pode obter. (D'ALEMBERT apud. ROUSSEAU, 1993, p. 28).

O iluminista acredita que se os genebrinos tratassem os comediantes, que teriam sua atuação regulamentada por leis, assim como tratam qualquer outra profissão ou cidadão, estes não se sentiriam mais à margem da sociedade e Genebra teria em pouco tempo uma companhia de comediantes excelentes. O autor sustenta a necessidade de reconhecimento e socialização dos comediantes para que também refinem seus costumes e gostos e se tornem cidadãos respeitáveis como qualquer outro. Dessa forma o segundo empecilho para o não estabelecimento dos espetáculos esta afastada com a socialização dos comediantes. Assim sendo não há porque proibir os espetáculos, uma vez que os comediantes fariam parte dos bons costumes da cidade.

Se os comediantes fossem não apenas tolerados em Genebra, mas primeiro moderados por sábios regulamentos, depois protegidos e até considerados desde que o merecessem, e enfim

colocados absolutamente no mesmo nível que os outros cidadãos, essa cidade logo teria a vantagem de possuir o que acreditamos ser tão raro e só o é por culpa nossa: uma companhia de comediantes estimáveis. Acrescentemos que essa companhia logo se tornaria a melhor da Europa; muitas pessoas, cheias de gosto e de jeito para o teatro, e que em nosso país têm medo de se desonrar dedicando-se a ele, iriam a Genebra, para cultivar, não só sem vergonha mas até com estima, um talento tão agradável e tão raro. (D’ALEMBERT apud. ROUSSEAU, 1993, p. 28).

O filósofo defende o etnocentrismo que o dicionário Houaiss (2011) define como a visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. Afirma a necessidade do estabelecimento dos espetáculos em Genebra. Uma vez que este na França é muito popular e tido como instrumento pelos philosophes do iluminismo para propagar sua filosofia “esclarecedora” do mundo. O autor não se sente constrangido ao sugerir que se os espetáculos são bons para os franceses, então deve ser bom também para os genebrinos.

A estada nessa cidade, que muitos franceses consideram triste pela privação dos espetáculos, tornar-se-ia então a morada dos prazeres honestos, assim como a da filosofia e da liberdade: e os estrangeiros não ficariam mais surpresos de ver que, numa cidade onde os espetáculos decentes e regulares são proibidos, se permitem farsas grosseiras e sem espírito, tão contrárias ao bom gosto e aos bons costumes. (D’ALEMBERT apud. ROUSSEAU, 1993, p. 29).

Assevera D’Alembert se os espetáculos tivessem boas leis que o regulamentassem e os comediantes fossem obrigados por elas a não cometerem excessos, Genebra seria civilizada e seus costumes refinados seriam modelos de boa conduta e eficácia.

Isto não é tudo: pouco a pouco, o exemplo dos comediantes de Genebra, a regularidade de sua conduta e a consideração de que ela os faria gozar serviriam de modelo aos comediantes de outras nações e de lição aos que até agora os trataram com tanto rigor e incoerência. (D’ALEMBERT apud. ROUSSEAU, 1993, p. 29).

Sustenta D’Alembert que não haveria motivo para se condenar o estabelecimento do teatro em Genebra com isto nossos padres perderiam o hábito de excomungá-los e nossos burgueses o de encará-los com desprezo; e uma pequena República teria a glória de ter reformado a Europa sobre este ponto [...] (apud. Rousseau, 1993, p. 29).

Conclui D’Alembert que o estabelecimento dos espetáculos não oferece nenhum tipo de degeneração aos costumes dos cidadãos. Basta ter uma legislação competente e rigorosa para que se tenha um resultado satisfatório da educação dos cidadãos através dos espetáculos. Ao contrário, isto trará um refinamento aos costumes do povo. Quanto aos comediantes afirma que se os genebrinos os tratarem com o mesmo apreço com que lidam com os outros cidadãos e profissões, conseqüentemente serão pessoas de boa conduta e exemplo para toda a Europa. Portanto para o enciclopedista não há razões suficientes para se condenar o estabelecimento dos espetáculos, particularmente o teatro em Genebra.

3 A Crítica de Rousseau ao Teatro Francês

Jean-Jacques Rousseau redige sua Carta á D'Alembert em defesa de sua pátria e aos bons costumes, uma vez que para ele o teatro francês, é corruptor dos costumes.

Lançando um primeiro olhar sobre essas instituições, vejo inicialmente que um espetáculo é um entretenimento, e se é verdade que o homem precisa de entretenimentos, V.Sa. há de convir pelo menos que eles só são permitidos enquanto necessários, e que toda diversão inútil é um mal, para um ser cuja vida é tão curta e cujo tempo tão precioso.(ROUSSEAU, 1993, p.39).

Inicialmente Rousseau considera que os espetáculos são entretenimentos e que por isso não tem a função de educar ou melhorar os costumes dos povos. E que os trabalhos e as atividades que os homens realizam cotidianamente são os verdadeiros prazeres humanos que se fundam na natureza.

A condição de homem tem seus prazeres, que derivam de sua natureza, e nascem dos trabalhos que derivam de sua natureza, e nascem dos trabalhos, dos relacionamentos, das necessidades, e esses prazeres, tanto mais doce quanto mais sã é a lama de quem os frui, tornam aquele que deles sabe gozar pouco sensível a todos os outros prazeres. (ROUSSEAU, 1993, p. 39).

Argumenta Rousseau (1993) que nossas ocupações tornam o tempo ainda mais precioso e, portanto, não devemos desperdiçá-lo com distrações tão inúteis e estranhas como as produzidas pelos espetáculos. A ociosidade nos leva a considerar o trabalho insuportável e conseqüentemente o desgosto com nos mesmos traz o esquecimento dos bons costumes e dos gostos simples e naturais, nos aproximando da civilidade e nos afastando da natureza.

Alega Rousseau (1993) que os espetáculos que se realizam na França e na Europa são apropriados para as grandes nações que há muito se degeneraram em vícios e libertinagem. No entanto, o estabelecimento dos espetáculos não seria apropriado para uma Republica pequena como Genebra. O autor nos adverte que quando o povo esta corrompido, os espetáculos lhe são bons.

Perguntar se os espetáculos são bons ou maus em si mesmos é fazer uma pergunta vaga demais; é examinar uma relação antes de ter determinado os termos. Os espetáculos são feitos para o povo, e só por seus efeitos sobre ele podemos determinar suas qualidades absolutas. Pode haver espetáculos de uma infinidade de espécies, de um povo a outro, há uma prodigiosa diversidade de costumes, de temperamentos e de caracteres (ROUSSEAU, 1993, p.40).

Combate Rousseau (1993) o etnocentrismo defendido por D'Alembert alegando que por mais que os homens sejam singulares em toda parte, estes são modificados pelas religiões, pelos governos, pelas leis, pelos costumes, pelos preconceitos e pelos climas torna-se tão diferente de si mesmo que agora já não devemos procurar o que é bom para os homens em geral, e sim o que é bom para eles em tal tempo e em tal lugar (Rousseau, 1993, p. 40).

Os espetáculos realizados na Roma Antiga que louvavam os combates dos gladiadores ensinavam o amor do sangue derramado e a crueldade. Este mesmo

espetáculo se oferecido ao mesmo povo em época diferente produziria outros tipos de apreciação.

Adverte Rousseau (1993) que quanto à espécie dos espetáculos, ela é necessariamente determinada pelo prazer que eles proporcionam, e não pela sua utilidade. Para o autor seria ingenuidade acreditar que os espetáculos produzem uma ideia de perfeição que não poderíamos por em prática sem desencorajar quem acreditamos educar. Os espetáculos possuíam essa diversidade para Rousseau, por que nascem conforme os gostos dos povos.

Um povo intrépido, grave e cruel quer festas mortíferas e perigosas, onde brilham o valor e o sangue frio. Um povo feroz e ardente quer sangue, combates, paixões atrozes. Um povo voluptuoso quer música e danças. Um povo galante quer amor e polidez. Um povo brincalhão quer gracejos e coisas ridículas [...] Para lhes agradar, é preciso ter espetáculos que acentuem as suas inclinações, quando seria preciso ter espetáculos que as moderassem. (ROUSSEAU, 1993, p.40).

Este é um ponto importante na argumentação de Rousseau: se os espetáculos possuem essa variedade de espécies ao gosto e inclinação de cada povo. Como pode ocorrer que refinem os costumes? Quais valores deveriam ser recomendados e quais desprezados.

O teatro, em geral, é um quadro das paixões humanas, cujo original está em nossos corações, mas se o pintor não se preocupar em adular essas paixões, os espectadores logo iriam embora e não mais quereriam ver-se sob uma luz que os levaria a se desprezarem a si mesmo. Pois, se ele dá cores detestáveis a algumas delas, isto ocorre somente com aquelas que não são gerais e que são naturalmente odiadas. Assim o autor não faz com isso mais do que acompanhar o sentimento do público, e essas paixões desprezadas são sempre usadas para ressaltar outras, senão mais legítimas, pelo menos mais ao gosto dos espectadores (ROUSSEAU, 1993, p.41).

O teatro é uma torrente de paixões, na qual o autor teatral deve escrever seus espetáculos enaltecendo as paixões mais ao gosto popular. Se o autor contraria as inclinações dominantes seria totalmente desprezado. E Rousseau afirma que as paixões originais estão no coração do ser humano, porque tem sua origem na natureza e não em uma civilização corrompida com a francesa. O autor afirma que o homem é bom por natureza, mas pervertido e corrompido pela sociedade.

De acordo com a interpretação do seu pensamento nesta matéria, Rousseau está sustentando que os homens nascem se não exatamente virtuosos (pois isto envolve o conhecimento de bem e a vontade consciente de praticá-lo), pelo menos predispostos a virtude – benignos, afetuosos e ternos em seus sentimentos e disposições inatos, naturalmente, inclinados para tratar com magnanimidade e carinho todos aqueles com quem se relacionam (DENT, 1996; p; 48).

Como podemos verificar nessa citação do comentarista Dent (1996) o coração do homem é bom e sua inclinação é para a prática do bem. Os sentimentos são ditados pela natureza que só ensina o que é virtuoso para o progresso do homem. No entanto a sociedade o corrompe.

Agressividade, malícia, rancor, despeito e inveja são estranhos ao coração humano imaculado que sai das mãos do seu Criador. Essas disposições malignas só se instalam porque outras pessoas pervertem e destroem a inocência e a integridade naturais do indivíduo. Não é deste a

responsabilidade final por tais defeitos; mesmo quando pratica uma maldade, ele é realmente a vítima desafortunada e maltratada da má vontade de outros que fazem do indivíduo um mostro e depois o repelem, horrorizados (DENT, 1996; p; 48).

Os espetáculos teatrais não possuem o bom senso de tratar as questões dos costumes com a devida importância que o tema exige. O palco é lugar de demasiadas interlocuções inúteis que de pedagógicas não possuem nada. Para Rousseau só a razão não tem valor algum no palco. O homem sem paixões, ou que sempre as dominasse, não seria capaz de interessar a ninguém no palco (ROUSSEAU, 1993, p.41).

Dessa forma o teatro não possui o interesse de melhorar os costumes dos povos, uma vez que as paixões são temas frequentes. Rosseau afirma: "assim não se atribua ao teatro o poder de modificar os sentimentos nem os costumes, que ele só pode obedecer ou embelezar. Um autor que quisesse enfrentar o gosto geral logo escreveria só para si mesmo". (ROUSSEAU, 1993, p.42).

Conclui Rousseau que o teatro, não possui um caráter pedagógico para seu público, uma vez que não apresenta os bons costumes como exemplo de comportamento moral adequado, ao contrário, os espetáculos e seus comediantes agravam os costumes exemplificando com as paixões que deveriam evitar, ao invés de glorificar.

Segue-se dessas primeiras observações que o efeito geral dos espetáculos é reforçar o caráter nacional, acentuar as inclinações naturais e dar nova energia a todas as paixões. Nesse sentido, poderia parecer que, como esse efeito se limita a reforçar e não a mudar os costumes estabelecidos, a comédia seria boa para os bons e má para os maus. Mesmo no primeiro caso, sempre restaria saber se as paixões excitadas demais não degeneram em vícios. Sei que a poética do teatro pretende fazer o exato contrário disso, e purificar as paixões, excitando-as; mas tenho dificuldade para entender bem essa regra. Será que para nos tornarmos temperantes e sábios precisamos começar por ser furiosos e loucos? (ROUSSEAU, 1993, p. 43).

Com relação às paixões Rousseau (1993) afirma que o teatro é ineficaz. Uma vez que pouco pode mudar e a razão seria o único meio adequado para melhorá-las. As paixões são o único interesse apresentado no teatro. E estas são a degeneração do homem natural que procura se adaptar à sociedade e para isso abandona a orientação da natureza. A razão humana é o instrumento adequado para melhoria dos costumes dos homens e da sociedade é totalmente desprezada pelos espetáculos.

O único instrumento capaz de purgá-las é a razão, e eu já disse que a razão não tem nenhum efeito no teatro. Não compartilhamos os sentimentos de todas as personagens, é verdade, pois, sendo opostos seus interesses, é preciso que o autor nos faça preferir algum deles, caso contrário não adotaríamos nenhum, mas longe de escolher para tanto as paixões que pretende fazer-nos amar, ele é obrigado a escolher as que nos amamos [...] Assim, o teatro purga as paixões que não temos e fomenta as que temos (ROUSSEAU, 1993, p. 44).

Afirma Rousseau (1993) a impotência do teatro frente à melhoria dos costumes, reafirmando que a verdadeira fonte dos bons costumes está no coração do homem e não nos espetáculos. O autor deixa claro que os sentimentos mais belos e necessários a uma vida simples residem na própria natureza do homem. O homem criou uma

segunda natureza que é a sociedade, na qual o homem deve se adaptar e para isso deve deixar de escutar a natureza.

Eu gostaria que me mostrassem claramente e sem palavratório por que meios o teatro poderia produzir em nós sentimentos que não teríamos, e nos fazer julgar seres morais de modo diferente do que nos mesmos julgamos? [...] Quanto a mim, ainda que me chamem de malvado por ousar afirmar que o homem nasceu bom, eu acho isso e creio tê-lo provado, está em nos e não nas peças a fonte do interesse que nos prende ao que é honesto e nos inspira aversão pelo mal. Não há arte que produza esse interesse, mas apenas as artes que se valem dele. O amor do belo é um sentimento tão natural no coração do homem quanto o amor de si mesmo; ele não nasce de um arranjo de cenas, o autor não leva para lá, mas o encontra ali; e desse puro sentimento que ele favorece nascem as doces lágrimas que faz correr (ROUSSEAU, 1993, p. 45).

Em Rousseau (1993), teatro de tragédia não serve para melhorar os costumes dos povos, porque apresenta seres fictícios que não correspondem com a realidade, sendo uma ilusão, uma falsa representação. E o teatro de comédia, por sua vez ridiculariza os costumes e as pessoas de bem, como no exemplo da peça "Misanthropo" de Molière na qual o homem vicioso é exaltado e o homem virtuoso é apresentado como um ser repugnante. Dessa forma a comedia não melhora os costumes dos povos pelo fato de valorizar a corrupção dos valores e a degeneração do ser humano, em prol do riso fácil e vulgar.

Ora, em consequência de sua própria inutilidade, o teatro, que nada pode corrigir os costumes, pode muito para corrompê-los. Favorecendo todas as nossas inclinações, ele dá uma ascendência nova as que nos dominam; as contínuas emoções que nele sentimos nos tiram a energia, nos enfraquecem, nos tornam mais incapazes de resistir às paixões; e o estéril interesse que ganhamos pela virtude só serve para contentar o nosso amor-próprio, sem nos obrigar a praticá-la (ROUSSEAU, 1993, p. 73).

Com os espetáculos teatrais ficamos viciados ao ver nossas velhas paixões sempre enaltecidas sem que não haja menor condição de melhorá-las, pois elas revelam nossas inclinações corrompidas que julgamos corretas. Quanto ao argumento etnocêntrico de D'Alembert que o teatro é bom para Paris, tornar-se-ia bom também para Genebra. Rousseau afirma que o estabelecimento do teatro mudaria por completo os costumes de seu povo.

Um dos efeitos infalíveis de um teatro instalado numa cidade tão pequena quanto a nossa (Genebra) será mudar as nossas máximas ou, se quiserem, nossos preconceitos e nossas opiniões públicas; o que transformará necessariamente os nossos costumes, melhores ou piores, nada digo a este respeito por enquanto, mas com certeza menos adaptados à nossa constituição (ROUSSEAU, 1993, p. 87).

Rousseau duvida que a força das leis fosse suficiente para controlar os excessos dos espetáculos e também dos comediantes. Os governos que as determinam não podem mais mudá-las e nem os defender. Para nosso autor é:

Absurdo sustentar que uma legislação cuidadosa pode prevenir contra todos esses males. Para que tenha qualquer efeito real, a legislação deve garantir obediência, e isso ela só pode fazer se as pessoas entenderem e participarem dos verdadeiros interesses que a legislação se propõe fomentar. (DENT, 1996, p.57).

Para Rousseau, o estabelecimento do teatro em Genebra, faria com que as autoridades criassem leis que alterariam os costumes dos homens, incluindo interesses estranhos e estrangeiros que necessariamente corromperiam os que existem no coração dos homens genebrinos.

Pergunto, senhor, através de que leis eficazes V. Sa. Remediará isso? Se o governo pode muito sobre os costumes, é apenas por sua instituição primitiva: uma vez que ele os determinou, não só não tem mais o poder de mudá-los, a menos que ele próprio mude, como também tem muita dificuldade para defendê-los contra os acidentes inevitáveis que os atacam e contra a inclinação natural que os corrompe (ROUSSEAU, 1993, p. 87).

Para Rousseau (1993), a criação de leis não pode assegurar os bons costumes dos genebrinos e concluí que estabelecimento do teatro em Genebra deve ser proibido, e o "primeiro sinal de sua impotência em prevenir os abusos da comédia será deixá-la estabelecer" (ROUSSEAU, 1993, p. 88).

Argumenta Rousseau (1993) que permitir o estabelecimento dos espetáculos teatrais em sua cidade é um caminho sem volta, pois uma vez que se inicie às apresentações, altera os gostos do público viciando-os nas falsas aparências das paixões e não há como retornar o homem aos costumes presentes em seu coração.

O homem ao se afastar da sua natureza deixa de "ser" o que é, passando a "parecer" ser aquilo que não é, e isto é uma exigência da sociedade. Para ganhar ares de civilizado o homem abandona sua vida simples ditada natureza, passando a ser o que a sociedade impõe: um homem com muitas necessidades, com muitas paixões para tentar preencher o vazio deixado pela sua opção de afastamento da natureza. E o mesmo raciocínio pode ser aplicado ao comediante, que não há lei perfeita que possa conter suas inclinações lastimáveis. Segundo nosso autor:

Que é o talento do comediante? A arte de imitar, de adotar um caráter diferente do que se é, de se apaixonar com serenidade, de dizer coisas diferentes das que se pensam com tanta naturalidade, como se realmente fossem pensadas, e, enfim, de esquecer seu próprio lugar, de tanto tomar o do outro. Que é a profissão de comediante? Um ofício pelo qual ele se dá como espetáculo em troca de dinheiro, se submeter à ignomia e as afrontas de que se compra o direito de lhe fazer, e põe publicamente sua pessoa à venda. Desafio todo homem sincero a dizer que não sente no fundo da alma que nesse comercio de si mesmo há algo de servil e de baixo (ROUSSEAU, 1993, p. 92)

Rousseau (1993) acredita que o comediante ao aceitar tantos papéis diferentes e contraditórios acaba por perder a sua própria identidade, não se reconhecendo e nem sendo reconhecido pelos seus, tornando-se ator de muitos personagens, no entanto se distanciando do seu próprio ser. Nosso autor na verdade visa ao ataque de outro conceito: a opacidade.

Rousseau confronta aqui, de maneira significativa, dois tipos de relação, que se opõem como transparência à opacidade. [...] A perversão que daí resulta provem não apenas do fato de que as coisas se interpõem entre as consciências, mas também do fato de que os homens, deixando de identificar seu interesse com sua existência pessoal, identificam-no doravante com os objetos interpostos que acreditam indispensáveis à sua felicidade. O eu do homem social não se reconhece mais em si mesmo, mas busca no exterior, entre as coisas, seus meios se tornam

seus fins. O homem inteiro se torna coisa, ou escravo das coisas. A crítica de Rousseau denuncia essa alienação e propõe um retorno ao imediato. (STAROBINSKI, 2011, p.39)

Rousseau é o filósofo da transparência e da clareza e por tanto quer evitar tudo que seja obscuro e confuso que possa iludir os homens, que pretender libertar do jugo das paixões. Quer evitar a representação, ou seja, que a encenação teatral represente a vida real, está sim autêntica.

Sei que a representação do comediante não é a de um trapaceiro que queira fazer com que acreditem nela, que o ator não pretende que o tomemos pela pessoa que está representando, nem que o creiamos atingido pelas paixões que imita, e que, dando aquela imitação pelo que ela é a torna completamente inocente. Assim, não o acuso exatamente de ser um enganador, e sim de ter como profissão o talento de enganar os homens, e de exercer hábitos que, só podendo ser inocentes no teatro, em todos os outros lugares servem apenas para fazer o mal. Esses homens tão bem trajados, tão bem treinados nos tons da galanteria e das paixões, não abusarão nunca dessa arte para seduzir a juventude? (ROUSSEAU, 1993, p.92).

Nesse sentido, em Rousseau (1993) o temor maior esta no exemplo que o comediante oferece em uma profissão que o leva a ter uma vida desgarrada que ao contrário de fomentar os bons costumes apenas serve para corrompê-los. A preocupação seria com a juventude que estaria a mercê dos maus exemplos oferecidos pelo teatro e pelos comediantes. Portanto esse é um mal que pode ser evitado, não permitindo o estabelecimento dos espetáculos, principalmente o teatro na pequena Genebra.

Mas, como toda a sua argumentação mostrou, o estabelecimento de um teatro, ir ao teatro, o próprio conteúdo das peças – tudo isso conspira contra esse sentido de vida comum e lealdade republicana em que a obediência à lei precisa se apoiar-se. Ficar sentado e fechado num recinto escuro, como indivíduo, isolado, não há contribuição alguma – na verdade, labora contra – a necessidade central e permanente de pessoas que vivem juntas de sustentar uma comunidade justa é próspera (DENT, 1996, p.57).

Como opção ao estabelecimento do teatro que seria ainda por cima custoso a cidade de Genebra. Rousseau propõe a realização de festejos públicos em que as pessoas se reuniram ao ar livre para celebrar eventos significativos para elas, como parte de sua herança cívica e cultural (Dent, 1996 pg. 57).

Como! Não deve haver nenhum espetáculo numa República? Pelo contrário, deve haver muito deles. Nas Repúblicas eles nasceram, nelas os vemos brilhar com real ar de festa. A que povos convêm mais reunir muitas vezes seus cidadãos e travar entre eles os doces laços do prazer e da alegria, do que aos que têm tantas razões para se amarem e para permanecerem unidos para sempre? Já temos os prazeres dessas festas públicas, tenhamo-nas em maior número, e ficarei mais encantado. Mas não adotemos esses espetáculos exclusivos que encerram tristemente um pequeno número de pessoas num antro escuro; que as mantém temerosas e imóveis no silêncio da inação, que só oferecem aos olhos biombos, pontas de ferro, aflitivas imagens de servidão e da desigualdade. Não povos felizes, não são essas as vossas festas! É ao ar livre, é sob o céu que deveis reunir-vos e entregar-vos ao doce sentimento de vossa felicidade! (ROUSSEAU, 1993, p.128)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Rousseau (1993) o teatro que D'Alembert tenta estabelecer em Genebra, possui como alternativa as festas públicas cívicas que parece ter mais aderência em uma República, na qual as pessoas trabalhadoras e de bem teriam o direito cívico de participar das festividades ao invés de ficar trancafiado dentro de um teatro vendo os comediantes os enganarem e corromper seus costumes. O teatro serve mais ao interesse de um povo como o francês acostumado a viver na opacidade que os espetáculos podem oferecer.

Na verdade Jean-Jacques Rousseau não é contra todo e qualquer modelo de teatro. O que condena é o teatro francês do século XVIII, que segundo nosso autor ao invés de propiciar um refinamento dos costumes, acaba, por causa de suas imperfeições que trabalhamos neste texto, por corrompê-los.

Referências Bibliográficas

DENT, N.J.H. Dicionário de Rousseau. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ. Editora Jorge Zahar Editor. 1996.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. Rousseau, o teatro, a festa e Narciso. In Revista Discurso. Nº 17. São Paulo, SP. Editora Polis. 1988.

GARCIA, Claudio Boeira. As cidades e suas cenas: a crítica de Rousseau ao teatro. Ijuí. RS. Editora Unijuí. 1999.

MORA, J. Ferrater. Dicionário de Filosofia. São Paulo – SP. Editora Loyola. 2004

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Carta a D'Alembert. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 1ª Edição. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp. 1993.

_____. Confissões. Tradução livro I a X de Raquel de Queiroz e livros XI e XII José Benedicto Pinto. 1ª Edição. São Paulo. SP. Editora Edipro. 2008.

SIMPSON, Matthew. Compreender Rousseau. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2009.

STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo, SP Editora Companhia das letras. 2011.

_____. As máscaras da civilização. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo, SO. Companhia das Letras, 2001.



Informações dos autores

Edson Antonio Ortiz de Camargo: Mestre em Filosofia pela USJT. Graduado e licenciado em Filosofia pela USP. Docente de filosofia no Ensino Médio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e Professor nas Faculdades Integradas Campos Salles.